

AS TRANSFORMAÇÕES NAS SOCIABILIDADES DOS JOVENS EM TERESINA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Pedro Vilarinho Castelo Branco¹

Resumo: Este artigo propõe discutir as sociabilidades juvenis em Teresina nas primeiras décadas do século XX, período em que rapazes e moças são bombardeados por produtos culturais novos, sobretudo, nos interessa, a forma como estes jovens foram consumindo e incorporando nas suas vidas cotidianas as novas formas de vivenciar esta fase da vida.

Palavras-chave: Juventude, Sociabilidades, Modernidade, Afetividades.

Abstract: This article is going to discuss the youthful sociabilities in Teresina in the first decades of the century XX, period in that boys and girls are bombarded by new cultural products, especially, interests us, the form as these youths were consuming and incorporating in its routine lives the news forms of experience this phase of the life.

Key-words: Youth, Sociabilities, Modernity, Affections.

Propomos discutir as sociabilidades juvenis em Teresina nas primeiras décadas do século XX, período que se caracteriza especialmente pelas significativas mudanças ocorridas no cotidiano da cidade. Estas transformações podem ser percebidas especialmente naquilo que se refere ao incremento na oferta de escolarização, o que viria a atender às demandas dos grupos médios e de elite. Isto, por sua vez, resultava em uma maior circulação da palavra escrita, intensificando-se a circulação de jornais, revistas e até mesmo de livros. No mesmo contexto é possível apontar, ainda, a instalação de salas de projeções cinematográficas, fazendo com que a população, ainda provinciana, fosse bombardeada por signos e produtos modernos já tão presentes nas áreas mais dinâmicas do capitalismo.

É, sobretudo, o mundo de rapazes e moças que, agora, se viam bombardeados por produtos culturais até então pouco presentes na cidade, e, sobremaneira, a forma como estes jovens foram consumindo e incorporando em suas vidas cotidianas as novas formas de vivenciar esta fase da vida que trataremos agora. Na análise, utilizaremos textos de Abdias Neves, literato

¹ Doutor em História pela UFPE, Professor Adjunto da UFPI e Professor permanente do Programa de Pós-graduação em História da UFPI. Co-líder do grupo de pesquisa "História Cultura e Subjetividade" cadastrado no CNPq.

piauiense, formado pela Escola de Direito do Recife, e que atuou no mundo literário do Piauí no período em análise. Do mesmo modo, recorreremos a outras fontes, principalmente crônicas e artigos de jornais que circularam em Teresina nas décadas de 1910 e 1920. Começamos a análise pela abordagem de algumas questões que se faziam presentes nas vivências de rapazes e moças e que, agora, seriam questionadas.

As sociabilidades tradicionais entre os jovens, até fins do século XIX, davam-se dentro de regras muito rígidas e sobre ferrenha vigilância de familiares. Nos relatos de memória encontramos descrições de momentos de convivência e aproximações que ocorriam principalmente na prática das trocas de visitas, em passeios a fazendas e sítios onde os familiares promoviam piqueniques ou ainda bailes e saraus que ocorriam nas residências. Estas eram ocasiões em que os jovens, muitas vezes já prometidos em casamento, encontravam-se para as primeiras aproximações e conversas.

As práticas destas visitas se apresentam como momentos privilegiados de contatos entre jovens disponíveis no mercado matrimonial, com o objetivo de criar aproximações, de fazer escolhas, de firmar compromissos. Se os rapazes eram bons partidos, as moças não ficavam atrás, eram filhas de famílias bem postas na sociedade, o que fazia das possíveis escolhas colocadas aos jovens, uma boa oportunidade de se integrar a um grupo familiar, de estreitar laços, de somar patrimônios.

Estas práticas passaram a ser muito questionadas e problematizadas pelos literatos. O grande problema relacionava-se à formação inadequada que rapazes e moças recebiam. A falta da escolarização, da introjeção de valores disciplinares, que impusessem limites às vontades, aos desejos corporais, fazia com que os encontros a sós se tornassem sempre muito perigosos para os princípios e a moralidade familiar.

Desta forma, as práticas tradicionais teriam necessariamente de apontar para a manutenção de certas distâncias entre rapazes e moças, mas, principalmente, para uma vigilância acirrada das mulheres, com o objetivo de evitar que elas tivessem qualquer contato sexual pré-matrimonial. Aos homens, o caminho a ser seguido seria o envolvimento com mulheres de outros grupos sociais, desde que percebessem que elas não serviam para o matrimônio.

Circunstâncias e relatos sobre a preocupação com a vigilância e os cuidados sempre tão presentes nas situações de aproximações entre rapazes e moças podem ser encontrados no romance *Um Manicaca*, em que Abdias Neves se utiliza da personagem Júlia para tratar da fragilidade dos mecanismos de

vigilância tradicionais. A trajetória da referida personagem ilustra bem estas preocupações em vigiar a virgindade feminina até o casamento. Júlia contava 19 anos de idade e se mostrava cada vez mais ansiosa para se casar. Apaixonando-se por Luis Borges, funcionário da loja do pai, apresenta-o como seu pretendente, sofrendo veemente recusa paterna, que julgava Luis Borges muito aquém de satisfazer os requisitos para se casar com Júlia. A negativa do pai deixou a moça muito revoltada, afirmando que não agüentava mais a vida de solteira e que daria um jeito de resolver a situação.

O pai, temeroso das possíveis atitudes da filha, cerca-a de cuidados, de vigilâncias. Certificando-se de que a filha não se envolveria com o pretendente rejeitado, afrouxa a vigilância. No entanto, na primeira oportunidade de se encontrar longe dos olhares paternos, Júlia recebe, secretamente, Luiz Borges em seu quarto, onde é flagrada pelo pai:

Pedro Gomes (pai de Júlia) fora ao quarto onde dormia a filha. No mesmo instante, porém recuara levando as mãos aos olhos. Diante dele Júlia abraçava a Luis Borges, os cabelos soltos manchando os ombros nus, os pés descalços, um dos seios rompendo da camisa. Vinha tudo isso num relance e compreendia o que se passara. Não estava doido, a filha se prostituía (Neves, 1986: 36).

O relato de Abdias Neves mostra que as oportunidades de contatos corporais íntimos entre rapazes e moças eram sempre um perigo para as estratégias matrimoniais das famílias. A vigilância excessiva, única estratégia de evitar que os corpos se unissem indevidamente, se mostrava muitas vezes inócua.

As moças e rapazes, muitas vezes, não estavam preparados para conviver com certa liberdade. Daí os riscos da convivência, a necessidade das constantes proibições e vigilâncias. O medo do adultério, do defloramento, da entrega antecipada da mulher ao noivo, o perigo parecia sempre iminente, se os dois fossem deixados em situação propícia. O problema estava na falta de formação feminina; em outras palavras, não havia uma disciplina dos corpos via processo de escolarização, não havia mediações discursivas entre os corpos.

Os cronistas e literatos do período vão dando vazão em seus escritos a nova sensibilidade em torno do amor e da sexualidade. As sociabilidades modernas, procurando evitar o contato direto dos corpos e o risco que isso traria para o ordenamento social, gestaram novas formas de sensibilidade e de vivência do amor. Na prática, criavam mecanismos discursivos que

pudessem intermediar as relações entre rapazes e moças, afastando os corpos. O que deveria entrar em ação de forma intensa era a imaginação (D’Inção, 1989).

A nova forma de amor romântico caracterizava-se, principalmente, pela idealização do ser amado, pela cortesia e o respeito presente na relação. Em lugar do contato carnal, dos gozos corporais, instauravam-se a idealização, as delícias do sofrimento mental, as fantasias, os sonhos de felicidade futura quando o amor fosse finalmente concretizado. Desejar, sonhar, suspirar, eternizar as emoções no papel, em forma de palavras e versos, caracterizavam a principal forma de vivenciar o amor romântico.

Com o desenvolvimento da vida urbana e das sociabilidades modernas, com a nova forma que assumiam as relações sociais, em que a família se tornava, progressivamente, um grupo de consumo de bens e serviços oferecidos pela cidade, em que os espaços públicos ganhavam certo requinte e demandavam a presença dos jovens, tornando os contatos e as conversas algo inevitável. Fazia-se necessário que a juventude fosse, de maneira crescente, incorporando novos valores, e uma autodisciplina que resguardasse os corpos. Neste universo, o discurso a favor do amor romântico se tornava fundamental.

Este modelo de amor romântico ganhou vida real, principalmente no universo feminino e entre os homens de personalidade mais sensível, capazes de se deixarem levar pelos encantos dos sonhos e fantasias de um amor idealizado. Os poetas descreviam, em seus escritos, cenas de amor, de convivência entre enamorados em encontros furtivos, em visitas a familiares ou em bailes. O poema – *Num baile* – publicado em 1906, ilustra bem estas descrições de contatos sutis, de fantasia entre casais apaixonados.

Ao som da música, o amor era confidenciado de forma sutil. O olhar dizia muito, provocava desejos; passava cumplicidade, era veículo que comunicava reciprocidade de afeto. É disto que o poeta trata no seguinte verso:

E mutuamente pela voz do olhar,
A confiança tímida e ditosa
Do nosso amor fizemos, a gozar.
A doçura de um sonho cor-de rosa (Nunes, 1906: 13).

O amor romântico tinha algo de puro, de casto, de leveza, e os encontros, nas danças, propiciavam breves contatos corporais, servia como fundo musical de um momento mágico, único. A sutileza e a brevidade dos encontros eram percebidas; cada toque, cada pequeno gesto eram entendidos

como prova de amor, de reciprocidade. O poeta expressa a sintonia e a cumplicidade capazes de comunicar sem palavras, de entender o não dito, de ler pensamentos:

Senti o frio de tua mão tremente.
Pres a na minha e em tua face pura,
O pejo refletiu-se de repente (Nunes, 1906: 13).

À medida que as mudanças em curso na sociedade levassem os jovens a se desvincilharem de algumas amarras familiares e a construir seu processo de individuação, a se perceberem não como parte de uma corporação familiar, a quem deveriam se submeter, mas como indivíduos autônomos, as escolhas conjugais passavam a contar com outros ingredientes que não os interesses familiares. Os jovens reivindicavam mais liberdade na escolha dos futuros cônjuges, no entanto, era preciso que estivessem preparados para isso.

O ingresso dos afetos, do amor, nas escolhas conjugais, era sinal de ruptura com as normas de namoro e sociabilidade familiar anteriores; porém, tudo ocorria dentro de parâmetros aceitáveis e acordados na sociedade. Os jovens tinham liberdade de escolher os namoros, os futuros cônjuges, desde que o fizessem dentro de determinados limites, em que a origem familiar e os níveis sociais fossem compatíveis e próximos.

Os cronistas sociais, como Max Linder, desenvolveram também intensa prática escriturística sobre as relações afetivas entre os jovens. No entanto, seu enfoque se direcionava ao flerte, prática moderna de namoro, tão ao gosto dos espaços de convivência social urbana, como o passeio público, os bailes e as salas de espera dos cinemas. Em 1919, o cronista Max Linder, do jornal *O Piauí*, definiu a nova forma de namoro entre os jovens da seguinte forma:

O flerte é uma conquista da civilização, é o namoro chic, é o amor distração, que não se confunde nunca com o pieguismo de outrora. Começa por um olhar, um sorriso, uma palavra [...] a uma troca de expressões delicadas e enganadoras, de frases e promessas fingidas, e tem a duração efêmera de poucas horas, a delícia rápida de um instante. É a moda dos salões, uma instituição nos clubes, nos jardins, em qualquer parte, enfim onde haja moças e rapazes (Linder, 1919: 02).

As novas possibilidades com relação à afetividade na juventude eram apresentadas também pelo cinema e por revistas de moda, que chegavam a

Teresina. O cinema e as revistas produzidas em áreas mais dinâmicas do capitalismo mostravam modelos ousados de vivência da juventude, abertas às novidades, ficando explícita a relação entre a juventude e a idéia de transgressão de valores tradicionais. Nos anos 1920, ser jovem era se identificar cada vez mais com a nova mentalidade, marcada pelo progressivo prestígio da prática de esportes, do uso de novas vestimentas leves e coloridas, em saber dançar os novos ritmos agitados; era, enfim, assumir postura vivaz, elétrica. Tudo o mais que não se enquadrasse na definição anterior passava, então, a ser percebido de forma pejorativa, como sendo velho, decrépito, impotente (Sevcenko, 1992: 34).

A intensificação da presença destas propostas se dará principalmente a partir da década de 1920, quando os modelos de comportamento moderno chegam a cidades menores, como Teresina, via revistas de moda, mas principalmente pelo cinema, no qual as estrelas hollywoodianas davam o tom do que seria chique e moderno. As moças que não quisessem parecer provincianas teriam que se adequar aos ditames da moda. Os jovens se mostravam mais receptivos a estas mudanças. E é a eles que os cronistas de jornais se referem em crônicas que problematizam os novos modelos de vestuário, os novos cortes de cabelo, as novas posturas em público, tudo é notado e comentado nos jornais:

Silenciosa, caminhando vagarosamente, passa mademoiselle [...] Nos seus olhos, deve estar esculpida uma tristeza aniquiladora. O seu temperamento vive em desacordo com as modernices da época atual. Vestidos curtos, colados no corpo, cabelos a la garçonne, decotes são futilidades que vivem em completo desacordo com as suas idéias. E é na doce ilusão de que a moda antiga volte, que vive mademoiselle (Vida Social, 1926: 04).

Ser melindrosa e ser almofadinha eram padrões de feminilidade e masculinidade que deveriam ser seguidos pelos jovens que não quisessem ser rotulados de provincianos. Cada vez mais, os modelos masculinos e femininos se aproximavam dos seus contemporâneos nas áreas centrais do capitalismo. A ruptura entre o passado e o presente era notória. A juventude, melhor escolarizada, deveria ainda estar aberta ao novo, passando a ver com menos pudor e constrangimento a chegada de máquinas, que começavam a se impor ao cotidiano, a construir novo padrão de vida e de consumo.

Os católicos também desenvolvem intensa prática escriturística objetivando definir quais os caminhos que deveriam ser seguidos pelos jovens, principalmente pelas mulheres. A prática católica terá como proposta a negação de modelos que não levassem em consideração os valores cristãos. O alvo principal eram as mulheres, tidas como seres frágeis, “com exaltada imaginação e natural pendor para o proibido” (Martins, 1920: 17). Diante disto, os modelos católicos apontavam a modéstia, o acautelamento nas ações, o aborrecimento com as vaidades, o amor aos atos de piedade como práticas que deveriam se fazer presentes no cotidiano das jovens. O espaço da casa, onde deveria se dedicar aos familiares, a auxiliar a mãe na labuta cotidiana, seria o espaço por excelência da vida de uma moça cristã.

O modelo de feminilidade juvenil dos católicos via sempre com fortes restrições a frequência aos bailes, em que as danças modernas, como o tango e outras formas musicais excitantes se faziam presentes. Estes espaços marcados pelos contatos corporais, pelo risco das tentações e insinuações de desejos carnavais não eram apropriados para as moças de família que seguiam princípios cristãos e que pertenciam a associações religiosas, como *As Filhas de Maria*.

A jovem católica não deveria se entregar às vaidades, às modas que procuravam enaltecer partes do corpo feminino, despertando, nos homens, desejos. O corpo teria que ser percebido como a morada do Espírito Santo e, como tal, deveria ser respeitado, com práticas que demonstrassem recato e pudor.

Para os católicos, a frequência ao cinema também deveria ser proibida. A sala escura, dificultando a observação dos comportamentos, os enredos dos filmes, enaltecendo modelos femininos marcados pela vaidade, pelo mundanismo, mostrando cenas de contatos afetivos, em que a libido era exaltada por cenas de beijos, de insinuações de contatos íntimos, em síntese, onde comportamentos modernos e contrários aos princípios católicos de pudor e recato eram enaltecidos.

O que podemos deduzir das colocações feitas até aqui é que rapazes e moças se tornavam alvo de propostas conflituosas que procuravam definir como deveria ser a vivência da juventude. A sociedade passava por redefinições dos papéis sociais masculinos e femininos, por redefinição de valores, de padrões de comportamento. Isto estava ligado diretamente ao crescimento do intercâmbio entre Teresina e a dinâmica comercial e cultural do restante do país, e ainda, as mudanças no cenário urbano da cidade, advindas do estreitamento deste intercâmbio.

Entre os produtos novos que chegam à cidade e que eram consumidos pela população dos grupos médios e de elite da sociedade estão os produtos ligados a uma crescente indústria fonográfica. Os novos ritmos como o foxtrote, o jazz, o tango, o maxixe, que, presentes nas fitas cinematográficas, logo são ofertados em forma de discos, que, aliados às vitrolas, possibilitam dar novo formato aos bailes e às danças. Os bailes, que sempre foram o espaço por excelência dos encontros e aproximações entre rapazes e moças, ganham outros ritmos, novas formas, com o tango e outras danças, mas não perdem sua função anterior, conforme expressa o cronista Glauco na crônica, *Leves, quase alados*.

Foi num baile [...] eu estava meio entontecido pelas luzes, pelas cores das vestes femininas e pelo burburinho de vozes e de risos [...] de súbito, porém, rompeu o Jazz saltitante, desvairado, numa mutação vertiginosa de sons. E os rapazes se atiraram às moças (Vida Social, 1926: 04).

Em momento seguinte, Glauco descreve os pares dançando e descobre que, mesmo com o ritmo agitado, os bailes continuam a cumprir sua função social de aproximar os casais de enamorados, momento de aproximação e até de romantismo:

Passavam pares enlaçados, uns aconchegados, outros afastados. De repente minha atenção concentrou-se num par, ela bailava como uma garça que fascinava. Aproximaram-se leves, quase alados. Ele dizia-lhe, baixinho, palavras certamente muito doces. Um pouco adiante vi que ele fechava lentamente os olhos e que lhe depunha na fronte um beijo furtivo. E continuaram a dançar leves, quase alados. (Vida Social, 10 dez. 1926: 04).

A reação dos mais conservadores contra o caminho que os bailes tomavam aparece nos jornais, em forma de carta de pais de adolescentes que tentam mostrar sua postura contrária ao novo modo de dançar. Em 1920, uma senhora, identificada como mãe de uma jovem moça, escreve ao jornal *O Nordeste*, protestando contra as novas danças. Ela argumenta que os rapazes precisavam entender as diferenças entre os comportamentos aceitáveis nos cabarés e nos salões familiares, tendo em vista que os espaços eram diferentes, e as mulheres, nos dois espaços referidos, seguiam padrões morais muito diferentes e isso precisava ser respeitado: “É é justamente por isso que o tango

é dançado diferente nos salões de famílias e nos salões menos iluminados. E o que está se dando o que falar é querer se igualar tudo” (Senhor Redator, 1920: 05).

A mãe missivista argumenta ainda que os pais são também responsáveis pelo que está acontecendo nos bailes, acusa-os de negligentes com as filhas e apresenta a sua fórmula de educar a filha adolescente como um modelo possível e adequado:

Tenho uma filha de quinze anos que, segundo o costume da terra, vai aos bailes e dança, aliás, muito, mas com um certo recato. Tem ordens minhas e de meu marido, muito severas, para se não deixar asfixiar pelos rapazes. Caso contrário, ela está avisada de que voltará, internamente, para o colégio por mais dois ou três anos. O receio do castigo e ainda mais um certo regime de educação que adotamos faz com que ela não se exponha ao ridículo das danças excessivas (Senhor Redator, 1920: 05).

A formação moral recebida pela moça na escola de freiras já devia dar a ela os meios necessários para saber manter a distância dos corpos masculinos, saber se comportar como uma mulher direita e evitar os excessos. No entanto, como reforço a esta formação, a mãe mantinha sob ameaça de penalizações disciplinares qualquer excesso cometido pela filha. Desta forma, o internato aparecia como uma punição às que se mostrassem fora dos padrões comportamentais esperados.

No que diz respeito ao consumo das propostas apresentadas ao público jovem das elites e dos grupos médios, o que se percebe é a diversidade. No entanto, algumas tendências podem ser apontadas. Nenhuma das propostas apresentadas aos jovens se torna hegemônica na sociedade. O que vence é um reagrupar de idéias onde as mulheres adaptam as propostas das novas modas, assumindo padrões contemporâneos de vestuário, de apresentação corporal com os cortes de cabelo curtos e com outros requintes que não seriam deixados de lado pela vaidade feminina. Afinal de contas, as moças teriam que buscar o equilíbrio entre se mostrarem belas, arrumadas, e, assim, à altura das concorrentes no mercado matrimonial, e, ao mesmo tempo, não parecerem vulgares ou excessivamente melindrosas.

Os bailes, o cinema, as novas danças e o passeio público são consumidos pela juventude, dentro dos limites que as circunstâncias, que a formação moral incorporada por eles no processo de escolarização e que suas inclinações pessoais permitissem.

Consumidas por muitos e, por isso mesmo, assumindo parte importante na forma de subjetivação de muitas jovens, destacam-se as crenças e princípios religiosos. Cronistas da época, desolados, criticam o fato de a Praça Rio Branco, espaço de convivência da juventude, ter ficado esquecida no dia da festa de Santa Inês, padroeira da Associação das Filhas de Maria, pois as moças estavam, na sua grande maioria, reunidas nas comemorações religiosas à jovem santa. Em outras crônicas, a tentativa de moças em conciliar a vida festiva e mundana com as práticas religiosas é expressa. Elas participam das festas religiosas e, ao mesmo tempo, do carnaval, e, ainda, vão ao cinema, não aceitando as proibições regulamentares das associações religiosas. É neste contexto que podemos entender o relato do cronista do jornal *o Pianí* sobre o comportamento de uma Senhorita:

Mademoiselle mesmo é um exemplo. Ainda outro dia, quando quis gozar as festas de Momo, a quem se dirigiu para poder ter, no pecado, a paz de espírito e a alegria da alma? Foi à sua consciência? Foi a seus pais?

Não foi em São Benedito, em cuja Igreja nós a vimos entrar domingo de carnaval, à tardinha, humilde e contrita. Mademoiselle rezou e depois foi à festa dos Fanfarrões (Vida Social, 05 mar. 1926: 04).

O comportamento da referida senhorita que não abria mão de se subjetivar como uma mulher religiosa, apegada aos valores cristãos, mas que, ao mesmo tempo, assumia padrões modernos no vestuário e na forma como participava das festividades consideradas mundanas pela Igreja, parece ser o caminho mais presente no meio feminino.

As estratégias mais intransigentes usadas, principalmente, pela Igreja Católica, que procurava homogeneizar os comportamentos femininos, afastando as mulheres de espaços considerados como impróprios para elas, como o carnaval e os cinemas, é que parecem ter sido, muitas vezes, desrespeitadas.

As mulheres parecem consumir muito mais que os homens as idéias de disciplina, de recato. As vigilâncias diminuem até porque a dinâmica social moderna exige que elas freqüentem os espaços públicos, que saiam de casa para ir às escolas e a outros locais de sociabilidade familiar. Se, muitas vezes, a presença de familiares acompanhando as moças mostra a continuidade de práticas tradicionais, e uma certa desconfiança na eficácia das novas estratégias disciplinares, as oportunidades de burlar a vigilância familiar se multiplicam.

No entanto, para as mulheres terem a oportunidade de freqüentar e se movimentar nos espaços públicos, foi preciso que elas se subjetivassem como mulheres disciplinadas, que a todo momento dizem por suas posturas e comportamentos corporais que são mulheres direitas, moças de família, sérias e que devem ser respeitadas e tratadas como tal. Incorporar estas posturas seria fundamental para as mulheres se distinguirem, no meio social, daquelas que não se enquadrassem no modelo de moça de família.

Era preciso que as mulheres estivessem atentas aos comportamentos, pois, para elas, os riscos de algum prejuízo moral sempre existia, tendo em vista que, exagerar no flerte, brincar com vários rapazes em uma mesma tarde de passeio, era interpretado como comportamento inadequado para moças de família e, para alguns cronistas, um sinal de hipocrisia, o que não era aconselhável a uma moça:

E então não é hipocrisia? E então fazer o flerte com dois, três, cinco, inúmeros rapazes, finalmente, é um procedimento impecável? Quem diria? Ninguém, talvez eu, por exemplo, julgava o seu temperamento diferente (Vida Social, 17, mar.1926)

Quanto aos rapazes, os avisos, os interditos, as preocupações com os limites aceitáveis nos contatos corporais, ao que tudo indica, não faziam os mesmos efeitos. Acostumados a não obedecer limites rígidos, eles dão continuidade a velhos hábitos de saídas noturnas, de uma vida mais folgada, em que as brincadeiras, a freqüência a bailes de subúrbios e mesmo de cabarés, tudo isso, aliado, ou não, ao consumo de bebidas alcoólicas, parece fazer parte da subjetivação masculina.

O importante era que percebessem os limites destas relações, que distinguíssem entre as moças de família reservadas ao casamento e as outras, com as quais teriam a liberdade de dançar abraçados, de se envolver sexualmente, desde que não se comprometessem demasiadamente, ou seja, emocionalmente, ao ponto de provocarem maiores transtornos aos familiares, o que nem sempre acontecia.

Referências Bibliográficas:

- AZEVEDO, Thales. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática, 1986.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.
- D'INCÃO, Maria Ângela (Org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.

- GAY, Peter. *A paixão terna*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- LINDER Max. Movimento social – Filmes. *O Piauí*. Teresina, Ano XXX, n. 283, p. 02, 18.maio 1919.
- MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do jornal de notícias, 1920.
- NEVES, Abdias. *Um manicaca*. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1986.
- NUNES, Sobreira. Num baile. *Andorinha*. Teresina, Ano I. n. 01, 1906.
- ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SENHOR REDATOR. *O nordeste*, Teresina, ano I, p.05, 03 jul. 1920.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- VIDA SOCIAL. Mademoselle X. *O Piauí*. Teresina, ano XXXIII, n. 77, p. 04, 08 abr. 1926.
- VIDA SOCIAL – Leves quase alados. *O Piauí*, Teresina, ano LX, n270, p.04, 10 dez. 1926.
- VIDA SOCIAL. *O Piauí*. Teresina, ano XXXVIII, n. 50, p. 04, 05 mar. 1926.